

# 3.2

## O legado de Tutawa Ãwa e os Avá-Canoeiro do Araguaia<sup>1</sup>

Patrícia de Mendonça Rodrigues<sup>2</sup>

### RESUMO

A história de resiliência dos Avá-Canoeiro do Araguaia (autodenominados Ãwa), que foram capturados por uma Frente de Atração brutal da Funai em 1973, no contexto da ditadura militar, e reduzidos a apenas cinco pessoas poucos anos depois, funde-se com a história de Tutawa, pajé e líder do grupo. Os cerca de 30 Ãwa atuais descendem desse pajé guerreiro que soube fazer a mediação entre a tradição de origem tupi-guarani e a vivência de dominação e marginalização socioeconômica a que foram submetidos pelo Estado brasileiro quando foram transferidos compulsoriamente para a aldeia de seus antigos inimigos, os Javaé, onde vivem até hoje. Poucas pessoas desenvolveram a habilidade da resiliência, de encontrar o melhor no que se impõe como o pior, de forma tão extraordinária como o líder carismático de temperamento afetuoso e alegre que guiou e liderou o povo Ãwa no vale do rio Araguaia durante as décadas de genocídio anteriores ao contato e nos anos de submissão que se seguiram à captura de 10 sobreviventes.

### PALAVRAS-CHAVE

Avá-Canoeiro do Araguaia

Violência

Resiliência

Tutawa Ãwa

\*1 Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF, retomando parcialmente o que foi publicado em Rodrigues (2013) e contendo partes de um manuscrito inédito sobre os Avá-Canoeiro do Araguaia (RODRIGUES, 2019).

\*2 PhD em Antropologia pela Universidade de Chicago (EUA), realiza pesquisa entre povos indígenas do médio Araguaia (Javaé, Karajá, Xavante, Avá-Canoeiro do Araguaia) desde 1990, tendo coordenado diversos grupos técnicos de identificação e delimitação de terras indígenas para a Funai.

# introdução

Segundo a literatura histórica, os antigos “Canoeiro” da bacia do rio Tocantins preferiam a morte a se entregar ao inimigo, e assim ficaram famosos como o povo que mais resistiu ao colonizador no Brasil Central, recusando-se terminantemente a estabelecer qualquer contato pacífico. Em meados do século XVIII, o povo *Ãwa*, segundo sua autodenominação, iniciou um enfrentamento duradouro com os colonizadores, o que o levou a se dividir entre o grupo de sobreviventes que permaneceu morando em refúgios nas cabeceiras do rio Tocantins, uma região de planalto e cerrado, e o grupo que se deslocou em fuga para as planícies inundáveis do rio Araguaia, o maior afluente do rio Tocantins, a partir de 1830, aproximadamente. Com a separação dos *avá-canoeiro* há cerca de 180 anos, os dois grupos passaram a ter uma história distinta,

um local de habitação diferenciado do ponto de vista ambiental, desenvolveram variações dialetais da língua tupi-guarani e deixaram de cultivar a memória de um passado comum, de modo que atualmente não reconhecem nenhum vínculo de parentesco entre si, distinguindo-se etnicamente, embora ambos se autodenominem *Ãwa*. O grupo que passou a viver na bacia do rio Araguaia é o foco deste trabalho. A penetração dos *Ãwa* no antigo território *karajá* e *javaé* no médio Araguaia foi facilitada, em grande parte, pela redução populacional sofrida pelos últimos nos séculos XVII e XVIII em função das expedições de bandeirantes (RODRIGUES, 2008, 2012, 2019). Os *Javaé* e os *Karajá*, povos de tradicionais pescadores, são habitantes muito antigos do vale do Araguaia, têm grande familiaridade com as planícies de savanas inundáveis às margens do grande rio, falam uma língua do tronco linguístico Macro-Jê e habitavam a região em grandes aldeias estáveis muito antes da chegada dos *Avá-Canoeiro* e dos *Tapirapé*, os dois povos de caçadores tupi que se refugiaram no médio Araguaia em razão dos grandes deslocamentos forçados pela colonização.

Os Avá-Canoeiro, como ficaram conhecidos no século XX, pagaram um preço altíssimo por seu espírito de resistência guerreira, que se manteve até 1973, quando os remanescentes de séculos de genocídio, acudados pelas frentes agropecuárias por todos os lados, foram capturados por uma violenta Frente de Atração da Funai na região do rio Araguaia, no município de Formoso do Araguaia (TO). Outro grupo de poucas pessoas buscou ajuda da população regional e foi contactado pela Funai em 1983, na região das cabeceiras do rio Tocantins, no município de Minaçu (GO).

Após o contato forçado no Araguaia, os sobreviventes foram transferidos arbitrariamente pelo órgão indigenista em 1976 para uma aldeia dos Javaé, seus antigos inimigos, onde passaram a viver na condição de grupo dominado e grupo dominante, respectivamente. Os Javaé, em número muito maior, incorporaram os Avá-Canoeiro a uma tradicional categoria de cativos de guerra (*wetxu*), em uma posição de grande subalternidade, embora tenha sido uma guerra vencida pelo Estado brasileiro. O trabalho da Frente de Atração em plena ditadura militar e as suas trágicas consequências duradouras foram o clímax perverso de um longo processo histórico de caça aos índios, que terminou beneficiando exclusivamente os colonizadores que tentavam se apropriar do seu território tradicional. O resultado da “atração” foi que os Avá-Canoeiro perderam definitivamente – para grandes proprietários rurais – as terras que ocupavam, de interesse também dos Javaé, e a sua autonomia.

Dos 11 Avá-Canoeiro atacados pela Frente de Atração em 1973, restavam apenas cinco em 1976. Com a grande derrota que se seguiu à captura, a resistência aguerrida transformou-se em resiliência obstinada diante das novas e severas adversidades que se impuseram, em grande parte promovidas pelo próprio Estado. O caso avá-canoeiro é um dos casos emblemáticos de violência contra povos indígenas nos governos militares identificados no relatório da Comissão Nacional da Verdade (2014).

Hoje os Áwa do Araguaia somam cerca de 30 pessoas e estão à frente de um movimento intenso de afirmação étnica e de retomada de parte de seu território de ocupação tradicional, contando com a solidariedade de outras pessoas e entidades, território este pensado como o corpo vivo de um parente amado.

Essa extraordinária história de resistência e resiliência de um povo indígena tem alguns componentes essenciais: a saga de uma família tupi-guarani sob a liderança do pajé Tutawa, o herói clássico de todos os tempos e

lugares, que enfrenta os obstáculos mais desumanos e não perde a sua humanidade, que constrói a ordem diante do caos, que revela qualidades elevadas e nobres diante do horror, transformando impossibilidades em caminhos profícuos; o movimento histórico, político e resiliente dos Avá-Canoeiro do Araguaia em busca de um lugar próprio e de conexão com uma raiz ancestral que se mantém viva; a história de Taego Áwa, o lugar-mãe batizado com um nome de mulher e que aguarda o retorno dos Áwa há mais de 40 anos.

A história específica dos Avá-Canoeiro do Araguaia, contada por eles próprios, foi abordada no Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Taego Áwa (RODRIGUES, 2012, 2013), atualizado em um manuscrito em vias de publicação (RODRIGUES, 2019). A terra indígena foi declarada como de posse permanente pelo Ministério da Justiça em 2016, mas os Avá ainda não retornaram a ela, pois está invadida por um assentamento do Incra e uma fazenda. Em 2018, um juiz federal de Gurupi (TO) determinou a demarcação da terra.

Os Avá-Canoeiro do Araguaia autodenominam-se Áwa que, “como em outras línguas tupi-guarani, significa gente, pessoa, ser humano, homem adulto” (TEÓFILO DA SILVA, 2005, p. 14). Regionalmente são mais conhecidos como “Cara Preta” (ver TORAL, 1984-1985), mas até a década de 60 do século passado, o grupo era conhecido como “Canoeiro” na literatura em razão da grande habilidade na utilização de canoas nos primórdios do contato com os colonizadores (COUTO DE MAGALHÃES, 1974).

A documentação histórica sobre a colonização da antiga Província de Goiás é farta em registros sobre a presença dos Avá-Canoeiro na região dos formadores do rio Tocantins, onde o grupo foi encontrado originalmente pelos primeiros colonizadores no século XVIII (ver PEDROSO, 1994). A descoberta de ouro resultou na fundação de “arraiais” e vilarejos a partir da década de 20 do século XVIII e no ciclo de exploração do ouro, que entrou em decadência no início do século XIX, sendo seguido pela agricultura e a pecuária praticadas de forma precária e esparsa em uma imensa área. A colonização da região, situada na bacia dos rios Tocantins e Araguaia, esbarrava na forte resistência das populações indígenas locais, tendo sido acompanhada, por esta razão, da fundação de aldeamentos e presídios oficiais durante os séculos XVIII e XIX e de uma política que alternava entre a repressão violenta e o extermínio dos índios, por um lado, e a tentativa de pacificação, catequese e utilização da mão de obra indígena, por outro.

No fim do século XVIII, a navegação pelos rios Araguaia e Tocantins, região habitada por diversos povos indígenas, era prioridade para os dirigentes da Província de Goiás e para os comerciantes. A expedição do Capitão Tomaz de Sousa Villa Real (BAENA, 1848) recebeu ordens para atacar o “gentio Canoeiro” e “fez grande mortandade”, mesmo “resistindo-lhe denodadamente” os Canoeiro, que lutaram com as mulheres e “um grande séquito de cães bravos que traziam” (SILVA E SOUZA, 1849, p. 463). Pedroso (1994, 2006) comenta que o grande massacre ocorreu no local conhecido como Ilha do Tropeço, no rio Maranhão, como é conhecido o rio Tocantins em seu alto curso, e é tido pelos autores clássicos da historiografia goiana como o principal fato histórico gerador de “seguidas represálias dos índios ao colonizador” (1994, p. 55) até meados do século XIX.

A autora descreve em maiores detalhes a intensificação dos conflitos entre os Avá-Canoeiro e as frentes de expansão agropastoris na primeira metade do século XIX, o que foi acompanhado da fundação de presídios no rio Maranhão e seus formadores,<sup>1</sup> assim como ocorreu também no rio Araguaia em relação aos outros povos indígenas. A resistência tenaz e inflexível dos Canoeiro ao colonizador tornou-se célebre, sendo recorrente na literatura histórica do século XIX. Chaim (1974), Pedroso (1994) e Karasch (1992) resumem a questão dizendo que nunca se conseguiu realizar o contato pacífico com os Avá-Canoeiro, subjugá-los ou reduzi-los em aldeamentos, pois lutaram para se manter autônomos até o contato forçado em 1973.

Os Avá-Canoeiro do alto Tocantins, contudo, pagaram um alto preço pela resistência indômita, que provocou a reação desproporcional das autoridades e dos moradores locais, causando a redução drástica da população original e a dispersão de pequenos grupos para áreas mais distantes. Como já apontaram Curt Nimuendaju (1944 citado em BALDUS, 1970), Toral (1984-1985) e Pedroso (1994, 2006), os Avá já haviam iniciado na época um processo irreversível de mudança das matas de galeria das margens dos rios, onde andavam em canoas e estavam mais expostos aos colonizadores, para as matas e os cerrados das serras de planalto mais altas e distantes dos grandes cursos d’água. A mudança para lugares mais isolados e de difícil acesso trouxe alterações significativas na sua organização social (NIMUENDAJU,

1944 citado em BALDUS, 1970, p. 71) e na relação com os recursos naturais (RODRIGUES, 2012, 2019; FERRAZ, 2012). Em fuga constante, os grupos movimentaram-se para áreas cada vez mais distantes, ao sul, ao norte, a oeste e a leste do território de origem, dentro de uma vasta região que abrangia territórios habitados por outros povos indígenas, como os Xavante, os Karajá e os Javaé.

As primeiras notícias que se tem sobre os Avá-Canoeiro no vale do Araguaia provêm de relatórios oficiais da década de 1850, nos quais, entretanto, há menção à presença dos “Canoeiro” na região há mais de 20 anos, ou seja, desde a década de 1830. Os registros históricos escritos, ainda que não abundantes, dão conta de uma intensa movimentação de pequenos grupos, simultaneamente, por uma vasta área no médio Araguaia nas décadas que se seguiram.<sup>2</sup> Pedroso (1994, p. 61) mostra que, nas últimas décadas do século XIX, teve fim a tradição indigenista na antiga Província de Goiás com a extinção dos aldeamentos oficiais e com o contato ou dizimação de “praticamente todos os grupos indígenas”. A partir de 1870, “os avá-canoeiros encontravam-se em número bastante reduzido, consequência de aproximadamente um século de intensa guerra” (1994, p. 83). Os Avá-Canoeiro passaram então a habitar o mesmo território dos Karajá e dos Javaé, com os quais entraram em conflito.

Em Rodrigues (2012, 2013, 2019) há um levantamento inédito de dados históricos sobre a presença histórica dos Áwa no Araguaia nas primeiras décadas do século XX.<sup>3</sup> A década de 40 traz um número maior de registros sobre os Avá-Canoeiro como um todo, o que coincide com um maior avanço das frentes de expansão econômicas em Goiás, fato já notado por Pedroso (2006), e com uma intensificação dos conflitos entre índios e regionais no vale do rio Javaés (TORAL, 1984-1985). Nos anos 50 e 60, contudo, são praticamente inexistentes os registros escritos sobre os Avá-Canoeiro do Araguaia, o que está diretamente relacionado ao fato de que eles foram acudados, caçados e assassinados sistematicamente pelos não índios que chegaram à região a partir da década de 30. A intensificação do cerco aos Avá levou a um aperfeiçoamento desesperador de suas estratégias centenárias de fuga e isolamento, em que os sobreviventes do genocídio

<sup>2</sup> Couto de Magalhães (1974); Mariani (1997); Cruz Machado (1997a, 1997b); Alencastre (1998); Ataídes (2001); Moraes Jardim (2001).

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, Krause (1941, 1942); Kissenberth (citado em Baldus, 1970); relatórios do Inspetor Mandacaru, do SPI (microfilme nº 324, fotografias nº 1, 6 e 9); Aureli (1962a, 1962b); Nimuendaju (citado em Baldus, 1970), entre outros.

<sup>1</sup> Cruz Machado (1997b); Couto de Magalhães (1998); Ataídes (2001).



passaram a viver nos lugares mais inóspitos da grande região alagável, em condições críticas e inimagináveis, e a se deslocar somente durante a noite.

A chegada das frentes de expansão econômicas ao vale do rio Javaés a partir da década de 30 do século passado trouxe a invasão e a apropriação das terras ocupadas pelos índios, epidemias desconhecidas para os Javaé e o choque frontal entre os novos colonizadores e os Avá-Canoeiro, o que resultou em uma redução populacional drástica dos dois grupos. Os moradores regionais guardam uma memória viva sobre esses eventos relativamente recentes, especialmente sobre a relação com os Avá-Canoeiro, conhecidos até hoje, preferencialmente, como “Cara Preta” (PEDROSO, 1994; ROCHA, 2002; RODRIGUES, 2012, 2013, 2019).

Um dos indicativos mais contundentes sobre a presença histórica e consolidada dos Avá-Canoeiro no Araguaia, especialmente no território de ocupação tradicional dos Javaé, que compreende toda a bacia do rio Javaés, são os diferentes tipos de registro da tradição oral e ritual dos próprios Javaé sobre os Avá-Canoeiro, conhecidos pelos primeiros como Kyrusa (RODRIGUES, 2008, 2012, 2019). A palavra javaé que designa os Avá tem um sentido pejorativo, assim como o termo genérico ixýju, “estrangeiro”, pois ambos têm a conotação de uma humanidade inferior ou subalterna.

Ao fim desse processo contínuo de fragmentação populacional e dispersão territorial, o povo Áwa estava dividido em duas populações distintas na década de 1970, separadas por muitos anos de não convívio, a ponto de desenvolver significativas diferenças dialetais: aqueles que permaneceram na região dos formadores do rio Tocantins e arredores, distribuídos em pequenos grupos,<sup>4</sup> e aqueles que chegaram ao distante vale do Araguaia primeiramente e, depois, ao vale do rio Javaés, principal braço do rio Araguaia, onde se estabeleceram definitivamente, também distribuídos em pequenos grupos.

A movimentação dos Avá pelo médio Araguaia a partir do fim do século XIX foi pautada primeiramente pela relação com os Karajá e os Javaé, que dominavam a área, apesar da redução populacional sofrida nos séculos anteriores, mas que não possuíam um ethos guerreiro (ver RODRIGUES, 2008). Além disso, os Javaé e os Karajá, de um lado, e os Avá-Canoeiro, de outro, davam ênfase a nichos ecológicos diversos dentro do mesmo

território, o que facilitou a convivência simultânea e prolongada (ver FERRAZ, 2010, 2012; RODRIGUES, 2010, 2012, 2019).

Os Avá-Canoeiro tiveram confrontos ocasionais com os Javaé e os Karajá, mas os conflitos se deram em condições simétricas de poder tecnológico. Depois da década de 30, ocasião em que os Javaé estavam vivendo outra fase de perdas populacionais em função das novas epidemias (ver RODRIGUES, 2008, 2010), os deslocamentos espaciais dos Avá-Canoeiro passaram a ser determinados exclusivamente pela relação desigual e brutal com os brancos, marcada pela assimetria de poder tecnológico. O modo de ocupação da região pelos colonizadores, caracterizado pela apropriação privada da terra e de seus recursos naturais, transformou os Avá em obstáculos “da natureza” a serem eliminados a qualquer preço, desconsiderando-se completamente a sua condição humana.

Desde então, até o “contato”, em 1973 e 1974, os Avá-Canoeiro experimentaram uma relação com o tempo e o espaço caracterizada pelas perdas sucessivas de parentes próximos assassinados e pelo medo, o principal critério que norteou a intensificação dos seus deslocamentos espaciais, em condições desumanas, e a escolha de lugares cada vez mais inóspitos para viver.

## GENOCÍDIO, FUGA E MEDO ANTES DO CONTATO

A memória de Tutawa, principalmente, e de seus filhos, Agæk e Kaukamy, foi a matéria-prima das narrativas inéditas apresentadas ao Grupo Técnico, concentrando-se no período anterior a 1973 (RODRIGUES, 2012, 2013, 2019). Tutawa tinha cerca de 40 anos na época do contato, contando com pouco mais de 75 anos quando foi ouvido em maior profundidade pelo Grupo Técnico em 2009. Como é habitual entre os guardiões da história dos povos que cultivam a memória oral, o líder histórico dos Áwa do Araguaia, mesmo em idade avançada, mantinha grande lucidez e impressionante capacidade de memória, de compreensão dos fatos e de articulação narrativa. Seu primogênito, Agæk, conhecido como “Agadimi”, nome inventado pelos brancos com base em uma distorção da língua nativa, tinha cerca de 13 ou 14 anos na época da aproximação imposta, tendo por volta de 50 anos de idade quando foi ouvido pelo GT. Kaukamy, por fim, a menina que foi batizada com o nome pejorativo

de “Macaquira” pelos brancos, tinha cerca de 10 anos de idade em 1973.

Tutawa, que teria nascido no início da década de 30, lembra que, em sua primeira infância, até por volta dos seus 6 ou 7 anos de idade (quando estava iniciando a segunda dentição), morava junto com a família e um número grande de pessoas em um “buraco” em um lugar de “pedras”, ou seja, em uma gruta ou caverna. O abrigo se localizava numa área isolada, no alto de uma “serra” e distante de cursos d’água maiores, mas perto de uma grande mata, onde o grupo praticava a agricultura. O lugar se chamava Uàkwaga, uma versão dialetal de itakwaga, ao que parece, palavra citada pelos Avá-Canoeiro de Minaçu a Teófilo da Silva (2005, p. 156) para se referir às “grutas” em que viviam antes de 1983. Os Avá-Canoeiro do Araguaia e Tocantins, cuja história tem um substrato comum, apesar das peculiaridades, aprenderam a se refugiar em cavernas desde os primeiros contatos com as frentes de colonização, talvez ainda no século XVIII.

Perguntados sobre a localização desse lugar, todos os Avá-Canoeiro foram unânimes, várias vezes, em dizer que era no “Mato Grosso”, pois Tutawa sempre falou que, depois de abandonar o abrigo na pedra, o grupo do pai dele atravessou o rio Araguaia, do lado do Mato Grosso, para o lado de “cá”, no atual estado de Tocantins. A pesquisa mais aprofundada demonstrou, contudo, que tal lugar era no Pará, em algum ponto muito próximo da divisa com Mato Grosso, logo ao norte da Ilha do Bananal. Desde que parte dos Avá-Canoeiro abandonou o alto Tocantins e se dispersou para outras bacias fluviais, o grupo familiar de Tutawa foi o que atingiu as áreas mais setentrionais do médio Araguaia.

Antes de traçar o percurso seguido pelo grupo, as memórias infantis de Tutawa trouxeram à mente algumas cenas da vida na aldeia do “Mato Grosso” até por volta dos seus 7 anos de idade. Na aldeia de Uàkwaga moravam várias pessoas que morreram nessa época. Wapoxire, o pai de Tutawa, era o líder do grupo e tinha vários nomes, como todos os homens têm, além de muitos filhos. Kamutaja e Katxua, as duas esposas de Wapoxire, praticavam a agricultura, que seria abandonada definitivamente a partir de então. A mãe de Tutawa era Kamutaja, enquanto Katxua era a mãe de Agapik, irmão por parte de pai de Tutawa.

Os Avá-Canoeiro mataram muitos Karajá e Javaé (Bàiràpagawai, “estrangeiro”) nesse tempo, inimigos dos quais eles tomavam os machados, as flechas, os facões e tudo que encontravam dentro de suas canoas,

deixando-as para trás. Posteriormente, Tutawa revelou que, de acordo com o que ouviu de seu pai e de seu avô paterno, seus antepassados mantinham acirrada guerra com os Karajá e os Javaé dentro da Ilha do Bananal, principalmente o que remonta à segunda metade do século XIX. O “povo antigo” (ãwokainima) teria matado muitos Bàiràpagawai, mas foi por causa desses conflitos que os antepassados próximos dele, especificamente, decidiram sair da Ilha do Bananal e procurar terras mais afastadas, ao norte, atravessando para a margem esquerda do rio Araguaia. Os Avá-Canoeiro tinham o desejo de morar na Ilha do Bananal, lugar que os atraía muito, mas foram impedidos pelos Karajá e os Javaé. No tempo em que moraram na gruta, fora da ilha, eles continuaram a realizar incursões guerreiras à Ilha do Bananal.

Tutawa lembrava com clareza que, por volta da sua segunda dentição, ou seja, aproximadamente em 1940, o seu grupo de parentes, liderado por seu pai, teve que abandonar Uàkwaga, porque os Avá-Canoeiro viram sinais da presença dos brancos nas proximidades da aldeia. Até então, eles viviam isolados dos brancos nesse abrigo seguro da serra. O relato que se tem sobre as três décadas seguintes é uma crônica nauseante sobre mortes sucessivas em situações quase sempre de grande violência.

A aproximação dos brancos forçou Wapoxire, pai de Tutawa, a deixar as terras do Pará com sua família e a atravessar o “grande rio” Araguaia para o outro lado, sem imaginar o destino desafortunado que os aguardava. Na travessia do Araguaia, eles construíram canoas de jatobá, árvore abundante em suas margens.

Depois da travessia do inhakauma (“rio grande”), descrito também como “muito longe”,<sup>5</sup> todo o grupo que morava na gruta ainda caminhou por um tempo por suas margens antes de avançar pelas terras mais interiores da margem direita. Segundo Tutawa, traduzido por seu neto, eles vinham seguindo os cursos dos rios do território desconhecido, pois “o mapa era o rio”. Em seu caminho, encontraram muitas vezes os Karajá e os Javaé.

Ao atravessar para a margem direita do Araguaia por volta de 1940, alcançando depois o vale do rio Javaés, o grupo do pai de Tutawa defrontou-se com os mineradores de cristal de rocha, mariscadores profissionais e criadores de gado que começavam a se instalar justamente nessa região. O povoado de Pium, por exemplo, fundado

4 Ver Pedroso (1994, 2006); Toral (1984/1985); Teófilo da Silva (2005).

5 Em outro momento, o Araguaia foi referido como Araguaju, que teria o significado de “Rio Grande” ou “Água Grande”.

em 1940, onde viveu Martim Cabeça Seca, famoso caçador de índios, era o mais setentrional de todos e estava relativamente próximo das cabeceiras dos afluentes orientais do baixo Javaés (Riozinho do Ezequiel) e do Araguaia (rio do Coco e rio Caiapó).

Foi a partir desse momento que os Avá-Canoeiro começaram a matar cavalos, bois, porcos ou galinhas que encontravam nas fazendas ou em seu caminho para se alimentar, o que era feito paralelamente às atividades de caça tradicionais. A caminhada que se iniciou depois de Uäkwa, liderada por Wapoxire, é descrita como um tenso estado de conflito e fuga permanente, quando muitas pessoas foram assassinadas, embora o grupo ainda não andasse à noite, como viria a ocorrer depois da morte do pai de Tutawa.

Wapoxire permaneceu como líder do grupo por cerca de dez anos, ou seja, por toda a década de 40, até ser assassinado por um vaqueiro e substituído por seu filho, Tutawa, na liderança do grupo. Durante o período em que Wapoxire estava vivo, eles não entraram na Ilha do Bananal, tendo andando principalmente na região da margem direita do rio Araguaia, “abaixo” (ao norte) do rio Formoso do Araguaia. Tanto os registros escritos quanto a memória oral dos moradores locais falam dos “Canoeiro” ou dos “Cara Preta” que moravam nessa grande região ao norte do rio Formoso do Araguaia na primeira metade do século passado, compreendida pelo Riozinho do Ezequiel (afluente da margem direita do rio Javaés), rio do Coco e rio Caiapó (afluentes da margem direita do rio Araguaia).

Os lugares por onde os Avá-Canoeiro passavam eram nomeados e referidos depois de acordo com as suas características físicas, tais como *tàwàtawu*, a “mata de jatobá”, ou *akutxitylwu*, a “mata de taturubá”. Foi depois da mata de jatobá e de um “lago” (*upàw*), ainda “muito longe” do rio Javaés e do rio Formoso do Araguaia, que um vaqueiro montado a cavalo se encontrou com o pai de Tutawa enquanto ele estava assando um animal abatido.

Antes da morte de do pai de Tutawa, muitas outras pessoas morreram assassinadas nessa mesma área e época, em que a caça aos índios se tornou uma prática corriqueira. Pouquíssimos foram enterrados, pois os Avá-Canoeiro tinham que correr, em fuga, e eram obrigados a deixar os seus mortos para trás, cujos corpos eram devorados por animais selvagens.

Quando Wapoxire morreu, por volta de 1950, seu jovem filho Tutawa assumiu a responsabilidade pelo

destino imediato do grupo e passou a guiar seus parentes em uma região mais ampla, dirigindo-se cada vez mais para o sul e em condições cada vez mais difíceis, pois o cerco dos moradores regionais se intensificou consideravelmente. O líder ou chefe (*pia*) tinha a função de guiar e proteger o grupo, decidindo quando e para onde se mudar. Reproduzindo um padrão dos chefes tupi (VIVEIROS DE CASTRO, 1986; LARAIA, 1986), Tutawa atuou com generosidade e liderança nessa guerra travada com os colonizadores.

A rota de Tutawa, que penetrou o vale do rio Javaés, passou a incluir travessias do rio Javaés para dentro e para fora da Ilha do Bananal, durante a estação seca, elegendo o interflúvio entre o rio Javaés e o seu principal afluente, o rio Formoso do Araguaia, conhecido regionalmente como “Ilha do Formoso”, como a principal área de movimentação. Não havia a possibilidade de moradia fixa, apenas um eterno deslocamento de acampamento em acampamento, instalados em lugares muitas vezes inóspitos.

Um dos aspectos mais dramáticos dessa nova fase foi que o grupo – constituído de adultos, mas também de crianças e velhos – optou por caminhar principalmente durante a noite por questões de segurança. As pessoas dormiam ou se mantinham em silêncio durante o dia em áreas de difícil acesso. Embora estejam muito claros em sua memória, em termos gerais, os caminhos por onde andou (dentro ou fora da Ilha do Bananal, os principais rios), em que sentido (de norte para sul) e quando, Tutawa tinha certa dificuldade em identificar com precisão algumas das rotas percorridas nessa fase anterior à chegada na Mata Azul, pois a caminhada noturna – guiada apenas pelas estrelas – era quase um voo cego.

Para fugir dos brancos e dos Javaé, os Avá-Canoeiro andavam distantes das margens dos grandes cursos d’água, em lugares mais interioranos. As longas caminhadas e as travessias de rios ocorriam praticamente apenas durante a estação seca (entre maio e outubro), uma vez que as inundações periódicas da região os obrigavam a permanecer isolados, durante a estação cheia, nos poucos lugares secos e altos. Em uma das vezes em que retornaram à região de origem, eles atravessaram o rio Araguaia duas vezes, na ida para o Pará e na volta para a região do rio Javaés, mas em locais bem diferentes. Durante a travessia para a margem esquerda do Araguaia, na estação seca, Tutawa foi alvo de tiros dos brancos, que quase acertaram a sua cabeça.

Ao assumir a chefia do grupo, Tutawa ainda não tinha completado 20 anos, não era casado nem tinha filhos. Ele tinha, no entanto, uma idade em que os jovens do sexo masculino já caçavam. O exercício da liderança foi acompanhado da responsabilidade de alimentar os mais jovens, que ainda não tinham a habilidade de caçar ou que tinham perdido seus pais. Tutawa e Tuxi passaram a caçar para eles. Com a perda da possibilidade de praticar a agricultura, os Avá-Canoeiro tiveram que restringir sua alimentação – entre 1940, aproximadamente, e 1973 – à carne de caça, basicamente, ou a de bois e cavalos, ocasionalmente, e aos frutos e raízes coletados durante as caminhadas. Algumas vezes arriscavam-se subtraindo produtos agrícolas das roças dos Javaé e Karajá.

Durante o período em que os Avá-Canoeiro foram guiados por Tutawa, antes de chegarem à Mata Azul, aconteceram muitas mortes, alguns casamentos, raptos e poucos nascimentos. Em algumas ocasiões, eles passaram fome, em outras, eles enfrentaram corajosamente os *bàirà* (“brancos”).

Os 14 sobreviventes que chegaram à Mata Azul, localizada dentro da Fazenda Canuanã, seu último refúgio, por volta de 1967 ou 1968, acuados por todos os lados, ao que tudo indica logo depois de um massacre que teria ocorrido na Lagoa da Onça,<sup>6</sup> integravam um grupo de parentes próximos, reduzidíssimo em comparação ao que o menino Tutawa conheceu em sua infância, nos anos 30, e ao que enfrentou as frentes de colonização a partir de então. Antes do grupo de Tutawa, outros grupos *ãwa* ocuparam essa região, como lembram muito bem os Javaé.

Os sobreviventes *ãwa* recordaram que a Mata Azul, chamada por eles de *Iwygápawa*, o “Berçário das Árvores”, devido ao seu grande número de árvores, tornou-se o seu último e permanente refúgio durante cinco ou seis anos antes da captura em 1973. Lá o grupo constatou que estava encurralado pelos brancos por todos os lados, pois se defrontou com cercas, casas, cachorros, vaqueiros e

6 Segundo o breve relato de Agæk e Kaukamy, pois os *ãwa* têm resistência em falar desse tema, o grande ataque a uma aldeia *avá-canoeiro*, composta de várias casas e cerca de 60 ou 80 pessoas, teria ocorrido ao norte da atual aldeia Txuiri, dos Javaé (ver Mapa 11), nas proximidades da Lagoa da Onça, na região da atual Fazenda Cobrape. O lugar está fora da Ilha do Bananal, no interflúvio entre o rio Javaés e o rio Formoso do Araguaia, e foi a última morada duradoura do grupo de Tutawa antes de eles se fixarem na Mata Azul em sua rota de fuga. É bastante provável que este seja o lugar do massacre organizado pelo “Capitão Vaqueiro” (ver Mapa 10) em meados dos anos 60 e mencionado pelos moradores locais (ROCHA, 2002), pois o “esgoto do Capitão Vaqueiro” situa-se ao norte da atual aldeia Txuiri.

estradas em todas as direções que tentou seguir, sendo obrigado a se fixar definitivamente no lugar mais inóspito e isolado que encontrou. Durante o curto, porém marcante e crítico período em que viveram na Mata Azul e regiões vizinhas, os *ãwa* foram perseguidos pelos brancos incessantemente, incluindo os vaqueiros da Fazenda Canuanã, culminando com a sua captura pela Frente de Atração.

A área englobava parte do território de uso tradicional dos Javaé da aldeia Canoanã e estava inserida, na época, nas fazendas Canuanã, dos irmãos Pazzanese (do lado do rio Javaés), e Lago Bonito, de Dorival Roriz (do lado do rio Formoso do Araguaia), esta última contendo o vilarejo de Dorilândia. A Mata Azul era uma grande faixa de mata no centro do interflúvio, atravessando as duas fazendas.

O Capão de Areia, conhecido pelos Avá como *Bukaiatywa*, “Concentração de Pés de Macaúba”, em razão da abundância da palmeira no lugar, situava-se praticamente no meio exato entre os rios Javaés e Formoso do Araguaia e era o principal lugar alto e seco da grande Mata Azul, onde os porcos queixada e outros animais selvagens se refugiavam durante o inverno. Por esta razão, o lugar foi escolhido para a moradia permanente durante a estação cheia, onde o grupo caçava no inverno e mantinha seus utensílios mínimos (abrigo, redes, jiraus, panelas etc). No verão, os Avá-Canoeiro empreendiam longas caminhadas e tinham o hábito de morar provisoriamente no acampamento do rio Caracol (*Kapuawu*).

As restrições e as limitações da vida cotidiana acirram-se consideravelmente nessa última fase anterior à aproximação forçada. Os Avá-Canoeiro evitavam andar e acender fogo de dia, para que não fossem vistos e para que a fumaça não denunciasse o seu esconderijo. Dependendo da localização, evitava-se também beber água durante o dia. As refeições se davam preferencialmente à noite, mas às vezes as caminhadas noturnas impediam que as pessoas se alimentassem. O descanso e o sono, por sua vez, ocorriam somente durante o dia.

As antigas casas de palha, que protegiam do sol, da chuva e dos mosquitos, foram substituídas por rústicas e minúsculas armações de madeira cobertas com folhas ou palha, sem paredes, chamadas de *tapynha mire* (“casa pequena”), que protegiam minimamente as pessoas dos temporais de inverno. No Capão de Areia, todos dormiam em redes de buriti ou em cima de jiraus. Nos acampamentos mais provisórios, durante as



expedições de caça e coleta, dormiam no chão mesmo, em cima de folhas de palmeira ou de couro de veado, que também aquecia os corpos e protegia dos mosquitos. Havia uma pequena nascente, em forma de um buraco, a certa distância do Capão de Areia, que os Avá utilizavam para tomar banho e beber água. Eles carregavam a água da nascente para o acampamento em cabaças. Quando acabava a água, os Avá furavam pequenas cacimbas que podem ser identificadas até hoje.

O fogo era feito esfregando dois fragmentos da madeira inhugutxiwagataia (negramina), a única que servia para esta finalidade, e a fumaça amenizava o desconforto provocado pelas nuvens de mosquitos que, dependendo do lugar e da época, especialmente no inverno, eram absolutamente insuportáveis. Também por esta razão, as noites eram dedicadas à caça e às caminhadas.

Depois que chegaram à Mata Azul, os Avá abandonaram também o costume de andar e caçar nas amplas savanas (varjão), então ricas em certos tipos de caça apreciadas, como o cervo e o veado campeiro, pois eles se tornaram alvos fáceis dos tiros dos brancos. As caminhadas noturnas ou diurnas, eventualmente, eram feitas dentro da mata fechada. Por questões de segurança, a prática de retirada do mel das abelhas, com fogo ao pé das árvores e a fumaça que espanta as abelhas, só era realizada à noite. Não se falava alto e, muitas vezes, a comunicação entre o grupo, a certa distância, era feita imitando-se assobios de pássaros da mata, dos quais os Avá-Canoeiro têm um extraordinário conhecimento (ver FERRAZ, 2012).

Na maior parte das vezes, o grupo permanecia junto. Mesmo quando os homens iam caçar animais selvagens à noite, as mulheres costumavam acompanhá-los para ajudar a trazer a caça abatida. Algumas vezes, dois ou três homens iam caçar, enquanto o restante permanecia no acampamento. Os Avá-Canoeiro lembram que mataram também muitas vacas, cavalos e jumentos para comer, principalmente quando eles estavam pastando nos campos de varjão, longe dos seus proprietários. Mais raramente, eles matavam porcos e galinhas. A maior parte dos animais domésticos abatidos pertencia à Fazenda Canuanã.

Certa vez, no verão, dois brancos localizaram os Avá-Canoeiro no acampamento do rio Caracol. Um funcionário da Fazenda Canuanã, que se chamava Jacó ou Socó – Tutawa não sabia direito e se referia a ele como Isòkòrè – foi a primeira pessoa que entrou na Mata Azul para matar os Avá-Canoeiro. Diante desse ataque surpresa, os

homens tiveram que abandonar as suas flechas durante a correria. Em outra ocasião, também na região do rio Caracol, os Avá-Canoeiro foram acudados por um bando de cachorros. Os Javaé se lembram de que os fazendeiros os convidaram, várias vezes, para ajudar a matar os Avá-Canoeiro.

Tradicionalmente, os Avá-Canoeiro realizavam o enterro primário, quando o corpo do morto era enterrado dentro de um buraco, e o secundário, quando seus ossos eram transferidos para outro lugar. Nos anos que precederam o contato, os Áwa mal puderam realizar o enterro primário de seus mortos, pois as mortes quase sempre eram assassinatos inesperados cometidos pelos brancos. O enterro secundário também deixou de ser realizado, o que se agravou na época em que o reduzido grupo ficou vivendo na Mata Azul. Nenhum dos três que morreram então teve o enterro secundário (Taego e Baistura, enterrados no rio Caracol, ou Agatik, que teve o corpo abandonado na mata do rio Formoso). Do mesmo modo, os que morreram durante ou depois da aproximação imposta pela Frente de Atração também não passaram pela cerimônia tradicional.

No início da década de 70, os Avá-Canoeiro do Araguaia estavam encurralados por todos os lados, tendo sido alvo de tiros ou perseguidos por homens a cavalo e seus cachorros nas matas do rio Formoso e do rio Caracol, nas cercanias do próprio Capão de Areia e na Mata Azul. A área de movimentação do grupo havia ficado circunscrita a um limite mínimo, que dificultava a caça e a coleta, pois os Avá deixaram de andar nas áreas onde sofreram ataques. A situação chegou a um nível crítico. “Meu pai queria sair não sei para onde. [...] Queria ir embora, para sair aqui [...] da Mata Azul. Aí não saiu. Como a gente vai sair?” (Kaukamy).

O último lugar de moradia antes do contato imposto, para onde os Avá-Canoeiro levaram os pertences que estavam no Capão de Areia, tentando desesperadamente evitar o ataque final, foi o acampamento de verão do rio Caracol. Lá, o sertanista Apoena Meirelles e sua equipe capturariam parte do grupo contra a sua vontade.

## A CAPTURA FINAL E O PÓS-CONTATO LIDERADO POR TUTAWA

A situação presente do grupo e sua ocupação territorial atual tiveram início com a atuação da violenta Frente de Atração da Funai e seus desdobramentos até os dias de hoje. Os fatos relacionados à instalação e ao encerramento da Frente de Atração foram revistos em maior detalhe em Rodrigues (2012, 2019), diante da ruptura definitiva causada por esse evento extraordinário na vida dos Avá-Canoeiro do Araguaia. A experiência do tempo (história) e do espaço (ocupação territorial) vivida pelos Áwa divide-se entre o antes e o depois da captura.

A sua presença na Mata Azul incomodava sobremaneira os fazendeiros locais em razão dos abates de animais domésticos, mas a ameaça de perda da propriedade da terra e dos investimentos econômicos em andamento em função de um hipotético reconhecimento oficial de uma terra indígena no local era um incômodo muito maior. Os Avá-Canoeiro eram um grande problema para os proprietários da Fazenda Canuanã, adquirida pelos irmãos paulistas Pazzaneze na virada para os anos 60, mas se tornaram um obstáculo de proporções bem mais avantajadas aos seus interesses materiais quando foi iniciada uma parceria com o grupo Bradesco no início dos anos 70. Segundo informações de funcionários da Funai da época ao Grupo Técnico, o Bradesco teria ameaçado cancelar os vultosos investimentos programados na Fazenda Canuanã caso fosse confirmada a presença de índios dentro da fazenda.

Embora não se saiba exatamente como se deu essa conexão entre interesses privados e agentes públicos, que não aparece nos boletins e nos processos oficiais da época, o poder público foi acionado no auge dos governos militares e o órgão indigenista enviou uma equipe com o objetivo, a princípio, de investigar se era real ou não a presença dos índios. Há uma coincidência de datas entre a ativação da Frente de Atração no Araguaia e o interesse do grupo Bradesco pela Fazenda Canuanã. Há vários anos os fazendeiros locais, incluindo os proprietários da Fazenda Lago Bonito, solicitavam sem sucesso à Funai que tomasse alguma providência em relação aos Cara Preta.

O resultado prático da eficaz ação estatal beneficiou unicamente os interesses privados do grupo Bradesco e dos proprietários da Fazenda Canuanã, pois os

Avá-Canoeiro foram removidos sumariamente da área em que viviam, sem absolutamente nenhum tipo de providência quanto à regularização fundiária da terra, e os Javaé foram obrigados a receber seus inimigos históricos em sua aldeia. Não só os corpos áwa foram violados com o contato forçado, por meio de balas e da captura final, mas também a terra-mãe, que foi apropriada e desfigurada para outras finalidades, e as novas gerações, que nasceram privadas de um lugar próprio e da autonomia pela qual seus antepassados lutaram com tanto vigor.

Resiliência talvez seja a palavra ideal para definir a vida e o caráter de Tutawa Áwa de forma sintética. Poucas pessoas desenvolveram essa habilidade de encontrar o melhor no que se impõe como o pior de forma tão extraordinária como o pajé carismático de temperamento afetuoso e alegre que guiou e liderou o povo Áwa no vale do rio Araguaia durante as décadas de genocídio anteriores ao contato e nos anos de submissão que se seguiram à captura de 10 sobreviventes. O fato chocante de negarem a ele o seu último desejo – o de ser enterrado no Capão de Areia, o último refúgio antes do contato – foi apenas um entre os incontáveis e desumanos obstáculos que teve que enfrentar juntamente com seu povo durante toda a vida. Nascido na década de 30 em uma gruta que servia de abrigo para seus parentes, faleceu em 6 de junho de 2015 como um intruso em terra estranha.

Dois meses depois, deprimido com a morte de seu pai, morreu Agæk, visivelmente desnutrido, com um quadro complexo de insuficiência renal e respiratória, tuberculose, pneumonia e leishmaniose. O estado de seu corpo denunciava o abandono e as privações a que os Avá-Canoeiro do Araguaia foram submetidos por décadas. Do grupo capturado pela Frente de Atração da Funai resta agora apenas Kaukamy, a mulher-mãe que possibilitou a reprodução de seu povo por meio de uniões breves ou estigmatizadas com os Javaé, os Karajá e os Tuxá.

Tutawa passou metade da vida fugindo de massacres coletivos, incêndios de aldeias, tiroteios, assassinatos sucessivos da maioria dos parentes próximos, tocaias, cães de caça, caçadores de índios a cavalo, fome. E mesmo assim manteve as qualidades nobres e ideais dos chefes tupi, ao assumir, muito jovem, a chefia do grupo após a morte de seu pai. Durante o breve, porém intenso e dramático período em que viveram na Mata Azul, os sobreviventes áwa foram caçados como animais selvagens pelos moradores regionais sem trégua, incluindo os vaqueiros da Fazenda Canuanã, saga que culminou

com a sua captura pelos agentes do Estado. Tutawa sempre enfrentava os inimigos destemidamente, tentando proteger os seus familiares. Enquanto os outros corriam para se esconder dos ataques, ele procurava algum lugar a salvo, de onde pudesse enxergar seus adversários para atingi-los com as flechas mortais que ficaram célebres na região e na literatura.

Foi assim também quando a Frente de Atração da Funai encontrou o grupo no rio Caracol, em 1973, então reduzido a apenas 11 pessoas, e entrou atirando no acampamento de supetão, matando uma criança. Parte do grupo conseguiu fugir e os que permaneceram seguiram a liderança de Tutawa, que decidiu se entregar em solidariedade à sua esposa e ao seu filho pequeno, que haviam sido capturados à força, e não porque tivesse confiado nos sertanistas, conforme os boletins oficiais mistificadores e inverossímeis produzidos no auge dos governos militares.<sup>7</sup> O horror dos anos passados seria substituído agora pela grande derrota na guerra travada pelos Áwa com os colonizadores desde o século XVIII, quando os antepassados do grupo do Araguaia foram encontrados e atacados nas cabeceiras do rio Tocantins.

O pior ainda estava por vir. A outra metade da vida Tutawa viveu lidando de cabeça erguida com as consequências avassaladoras da derrota imposta pelo inimigo, juntando os fragmentos do que restou de seu povo para não perder o fio da meada que ligava os antepassados à nova geração nascida após o contato. O pajé-guerreiro tornou-se o elo imprescindível entre o passado e o futuro do povo Áwa.

Durante os quase três anos em que viveram nas terras da Fazenda Canuanã, supervisionados pela Funai, os Avá-Canoeiro foram vítimas de abusos físicos e emocionais diversos, os quais compõem parte importante da memória traumática do grupo. Tanto os Javaé quanto os moradores regionais lembram-se muito bem do quintal cercado em que os Avá foram colocados e expostos à visita pública na fazenda durante semanas, atraindo a curiosidade dos que queriam ver os “índios pelados”.<sup>8</sup> E tanto os Javaé quanto os Avá se lembram com nitidez do período em que foram forçados a conviver na Mata Azul pela Funai, que desconsiderou o fato básico de que os dois grupos eram adversários históricos, com uma me-

mória viva das mortes recíprocas no passado. Os Javaé, treinados na tristemente famosa Guarda Rural Indígena (GRIN),<sup>9</sup> de formação autoritária e violenta, foram levados pelos sertanistas para servir de guardas e “amansadores” dos índios capturados que, no entanto, contaram sempre com a orientação e a proteção de Tutawa.

Com a transferência abrupta e definitiva para Canoanã, os Avá-Canoeiro reviveram a experiência mítico-histórica de seus antepassados: também eram agora um pequeno grupo de derrotados de guerra incorporados como cativos à grande aldeia de seus adversários e à sociedade colonial e exterminadora. Das 11 pessoas aparentadas que a Frente de Atração encontrou na Mata Azul, seis morreram de doenças para as quais não tinham imunidade, ou de violências cometidas por estranhos nos primeiros anos após o contato. Entre elas, uma irmã e a segunda esposa de Tutawa, que morreram doentes, deprimidas, recusando-se a tomar medicamentos na aldeia. Restaram apenas Tutawa, seus três filhos ainda muito jovens e sua irmã mais velha, Tuakire (“Tatia”), que perdeu os três filhos e o marido. Esse pequeno grupo familiar enfrentou uma série de privações físicas e sociais nas décadas que se seguiram, alternando entre a invisibilidade no universo colonial mais amplo e a marginalização social, cultural, econômica e política no universo local.

O pajé Tutawa é reconhecido pelos Áwa como o grande referencial de sabedoria, coragem, proteção e afetividade das crianças que foram capturadas e que foram nascendo depois a partir de uniões interétnicas estigmatizadas. Além do ensino da língua de origem tupi e de todo um universo cosmológico, nomeou todos com os nomes-alma dos antepassados mortos durante a fuga do genocídio, os quais foram mantidos ocultos na intimidade do grupo, dando continuidade a uma das mais importantes formas de transmissão do legado tupi-guarani (ver VIVEIROS DE CASTRO, 1986). Foi ele também quem liderou o grupo, por mais de 20 anos, na recusa irredutível em abandonar a região do Araguaia, com a qual mantêm ligações profundas de variadas

ordens, enfrentando o projeto persistente do convênio indenizatório e milionário entre Funai e Furnas para transferi-los para uma terra indígena no rio Tocantins (PACTO, 1992).<sup>10</sup>

Na intimidade do grupo, Tutawa manteve a altivez e sempre deixou claro às crianças que eles eram de outro povo, digno, e que estavam temporariamente no exílio, em uma terra que não era a deles. Essas crianças cresceram apegadas ao pai-avô e ao que ele representava como guardião de outra tradição, reconhecendo-se como Áwa, apesar de tudo ao redor conspirar contra essa identidade que teimava em resistir corajosamente. A força interna cultivada em séculos de resistência permitiu aos Avá-Canoeiro se reproduzirem nas novas circunstâncias tão desfavoráveis.

Quando Tutawa faleceu em um hospital de Gurupi, já como mais de 80 anos, com complicações decorrentes de uma batida acidental na cabeça alguns meses antes, seus netos tentaram enterrá-lo no Capão de Areia, conforme o seu desejo, o principal acampamento na Mata Azul antes da captura. Contudo, mesmo acompanhados de um funcionário da Funai local, foram repelidos agressivamente por alguns moradores do assentamento instalado na Terra Indígena Taego Áwa e tiveram que retornar com o corpo para o cemitério de Canoanã, onde outros corpos áwa já haviam sido enterrados a contragosto por seus parentes.

Nos últimos anos, os novos Áwa uniram-se mais do que nunca e dedicaram-se à retomada desta parte importante do território tradicional. Davi Wapoxire, que herdou alguns dos nomes áwa de seu avô, assumiu a liderança do grupo com a morte do velho guerreiro. Ele não foi enterrado no Capão de Areia, mas os Avá-Canoeiro do Araguaia agora têm um futuro graças a ele, e o mito profético diz que eles retornarão à casa natal.

7 Funai (1973); Meireles (1973); Meireles e Meireles (1973-1974).

8 Henrique Borela (2013) analisa as fotos do contato em sua monografia de Graduação, incluindo as dos índios observados por estranhos em um quintal cercado.

9 A GRIN era uma “instituição militar criada pela Funai, através de portaria de 1969, com a finalidade de realizar o policiamento ostensivo das áreas reservadas aos índios, pelos próprios índios” (FREITAS, 2004, p. 190). A Guarda Rural Indígena foi criada pelo primeiro presidente da Funai, Queirós Campos, um civil, por sugestão de um capitão da Polícia Militar, Manuel dos Santos Pinheiro, o mesmo que idealizou e criou o “reformatório krenak”, um presídio indígena situado em Minas Gerais, que ficou tristemente célebre pelos casos de violência cometidos contra índios nos governos militares (VALENTE, 2017).

10 O Programa Avá-Canoeiro do Tocantins (PACTO), por meio da parceria Funai/Furnas, nasceu como forma de compensação pela inundação de parte da distante Terra Indígena Avá-Canoeiro (GO) pela Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa nos anos 90. A terra é habitada pelos Avá-Canoeiro do rio Tocantins, contatados em 1983, com os quais o grupo do Araguaia não reconhece nenhum vínculo de parentesco ou histórico. O convênio, baseado em pressupostos racistas, instituiu como principal meta durante décadas a reunificação dos dois grupos, contra a vontade dos mesmos, o que gerou grave opressão, denunciada em textos acadêmicos (TOSTA, 1997; TEÓFILO da SILVA, 2005, 2010) e oficiais (RODRIGUES, 2012).



# referências bibliográficas

ALENCASTRE, J. M. P. de. Relatório lido na abertura d'Assembléia Legislativa de Goyaz pelo Exmo. Sr. José Martins Pereira de Alencastre no dia 1º de junho de 1862. Memórias Goianas 9: relatórios dos governos da Província de Goiás, 1861-1863, Goiânia, UCG, v. 9, 1998 [1862].

ATAÍDES, J. M. de. Documenta indígena do Brasil Central. Goiânia: UCG, 2001.

AURELI, W. Roncador. São Paulo: Leia, 1962a [1939].  
\_\_\_\_\_. Bandeirantes d'Oeste. São Paulo: Leia, 1962b [1952].

BAENA, A. L. M. Resposta ao Ilm. e Exm. Sr. Herculano Ferreira Penna, Presidente da Província do Pará, sobre a comunicação mercantil entre a dita província e a de Goyaz, dada pelo Sr. tenente-coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena, membro correspondente do Instituto. Revista Trimensal de História e Geographia do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro (IHGB), Rio de Janeiro, v. 10, p. 80-107, 1848.

BALDUS, H. Tapirapé: tribo Tupi no Brasil Central. Série Brasileira 17. São Paulo: Nacional, 1970.

BORELA, H. A. Arquivos fotográficos sobre os Avá-Canoeiro do Araguaia: uma exploração possível. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

CHAIM, M. M. Os aldeamentos indígenas na Capitania de Goiás. Goiânia: Oriente, 1974.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Relatório. Vol. 2: Textos Temáticos, 2014.

COUTO DE MAGALHÃES, J. V. Viagem ao Araguaia. São Paulo: Editora Três, 1974 [1863].

\_\_\_\_\_. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa de Goyaz pelo Presidente da Província, o Exmo. Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, no dia 1º de junho de 1863. Memórias Goianas 9: relatórios dos governos da Província de Goiás, 1861-1863, Goiânia, UCG, v. 9, 1998 [1863].

CRUZ MACHADO, A. C. da. Relatório que à Assembléia Legislativa Provincial de Goyaz apresentou na sessão ordinária de 1854 o Presidente da Província Antonio Cândido da Cruz Machado. Memórias Goianas 6: relatórios

dos governos da Província de Goiás, 1854-1856, Goiânia, UCG, v. 6, 1997a [1854].

\_\_\_\_\_. Relatório que à Assembléia Legislativa Provincial de Goyaz apresentou na sessão ordinária de 1855 o Exm. Presidente da Província Antonio Cândido da Cruz Machado. Memórias Goianas 6: relatórios dos governos da Província de Goiás, 1854-1856, Goiânia, UCG, v. 6, 1997b [1855].

FERRAZ, L. Relatório ambiental da Terra Indígena Javaé/Avá-Canoeiro (parcial). Brasília: Funai/Unesco, 2010.

\_\_\_\_\_. Relatório ambiental da Terra Indígena Taego Áwa. Brasília: Funai, 2012.

FREITAS, E. B. Fala de índio, história do Brasil: o desafio da etno-história indígena. Revista História Oral, Associação Brasileira de História Oral, v. 7, p. 181-197, 2004.

FUNAI. Finalmente o contato. Boletim Informativo Funai, Brasília, v. 2, n. 8, III Trimestre, p. 3-10, 1973.

KARASCH, M. Catequese e cativo: política indigenista em Goiás, 1780-1889. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (org). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 397-412.

KRAUSE, F. Nos sertões do Brasil. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, São Paulo, v. 78, p. 233-256, 1941 [1911].

\_\_\_\_\_. Nos sertões do Brasil. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, São Paulo, v. 89, p. 157-172, 1942 [1911].

LARAIA, R. de B. Tupi: índios do Brasil atual. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

MARIANI, F. Relatório com que o Presidente da Província de Goyaz, o Exmo. Sr. Dr. Francisco Mariani, entregou a Presidência da mesma ao Exm. Sr. Dr. Antonio Augusto Pereira da Cunha. Memórias Goianas 6: relatórios dos governos da Província de Goiás, 1854-1856, Goiânia, UCG, v. 6, 1997 [1854].

MEIRELES, D. M. Breve notícia sobre os Avá-Canoeiro. Boletim Informativo Funai, Brasília, v. 2, n. 8, III Trimestre, p. 11, 1973.

MEIRELES, J. A. S. de & MEIRELES, D. M. O conhecimento dos Avá-Canoeiro. Boletim Informativo Funai, Brasília, v. 3, n. 9/10, IV Trimestre 1973; I Trimestre 1974, p. 15-23, 1973-1974.

MORAES JARDIM, J. R. de. Exposição que fez o Sr. Major de Engenheiros Dr. Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim sobre sua viagem ao Araguaia, Goyaz. Memórias Goianas 13: relatórios dos governos da Província de Goiás, 1880-1881, Goiânia, UCG, v. 13, 2001 [1880].

PACTO. Programa Avá-Canoeiro do Tocantins. Brasília: Funai/Furnas, 1992.

\_\_\_\_\_. Programa de apoio aos Avá-Canoeiro. Brasília: Funai/Furnas, 2004.

PEDROSO, D. M. R. O povo invisível. Goiânia: UCG, 1994.

\_\_\_\_\_. Avá-Canoeiro. In: MOURA, M. C. O. de (org.). Índios de Goiás: uma perspectiva histórico-cultural. Goiânia: UCG, 2006. p. 91-133.

ROCHA, J. A. Memória e esquecimento: a história dos Avá-Canoeiro no Tocantins. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Tocantins, Porto Nacional, 2002.

RODRIGUES, P. de M. A caminhada de Tanỹxiwè: uma teoria Javaé da História. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Chicago, 2008.

\_\_\_\_\_. Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação: Terra Indígena Javaé / Avá-Canoeiro. Brasília: Funai/Unesco, 2010.

\_\_\_\_\_. Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação: Terra Indígena Taego Áwa. Brasília: Funai, 2012.

\_\_\_\_\_. Os Avá-Canoeiro do Araguaia e o tempo do cativo. Anuário Antropológico, Brasília, v. I, p. 83-138, jul. 2013.

\_\_\_\_\_. Taego Áwa, um nome de mulher para a terra-mãe sonhada: resiliência de um povo tupi, os Avá-Canoeiro do Araguaia. Manuscrito inédito, 2019.



SILVA E SOUSA, L. A. da. O descobrimento, governo, população e cousas mais notáveis da Capitania de Goyaz. Revista Trimensal de História e Geographia do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro (IHGB), Rio de Janeiro, v. 12, p. 429-519, 1849.

TEÓFILO DA SILVA, C. Cativando Maira: a sobrevivência Avá-Canoeiro no alto Rio Tocantins. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Cativando Maíra: a sobrevivência dos índios avá-canoeiros no alto Rio Tocantins. São Paulo: Annablume; Goiânia: PUC-GO, 2010.

TORAL, A. A. de. Os índios negros ou os Carijó de Goiás: a história dos Avá-Canoeiro. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 27/28, p. 287-325, 1984-1985.

TOSTA, L. T. D. “Homi matou papai meu”: uma situação histórica dos Avá-Canoeiro. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, 1997.

VALENTE, R. Os fuzis e as flechas: história de sangue e resistência indígena na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. Araweté: os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Anpocs, 1986.